

ABEL ARMANDO SILVA, LDA.

O silêncio impõe-se sobre a técnica e sobre o pormenor milimétrico dos fios de ouro, alheio ao espetáculo da natureza que as janelas com vista para o vale oferecem, pintado de um verde pontuado pelo vermelho dos telhados e pelo branco da cal do casario. A luz natural atravessa a oficina, tão vital como o ar que se respira para que as joias ganhem vida, glorificadas pelas mãos dos mestres artesãos da Filigrana.

Rosa é artesã desde que se lembra de ser gente. Do pai Abel tem na parede da oficina uma memória do seu retrato. No coração, infinitas.

Abel, que só trabalhava a prata por não ter recursos para comprar ouro, era bisneto do “órfão de Travassos”, homem ainda hoje conhecido pela arte da ourivesaria e pela arte do galanteio das moças da terra. Abel passava horas infindáveis a produzir terços, relicários e cruzes em Filigrana para vender em Fátima, o altar do mundo. A narrativa filigraneira de Rosa, que hoje dá continuidade ao ofício do pai, inicia-se ainda antes da sua existência no ventre da mãe, pautada por uma forte convicção religiosa que herdou da família. A mãe era zeladora da igreja e as romarias e procissões fizeram parte do mundo de Rosa, desde sempre. Participava no adorno dos arcos de romaria, decorados com centenas de flores de papel no adro da igreja. Nas varandas, colchas de linho e renda homenageavam a imagem de Nossa Senhora da Goma, padroeira da aldeia, carregada em ombros num andor e a quem se faziam oferendas e promessas. Para a romaria, Rosa, a sua mãe e as mulheres da aldeia ostentavam ao peito as suas melhores joias. Em Filigrana, claro, feitas pelo pai.

Foi Rosa que incutiu ao pai a esperança no futuro da Filigrana, conduzindo-o para a certificação e pela aposta num design que cruza a tradição com a inovação, a reescrever a gramática da Filigrana como se de poesia se tratasse.

A paixão de Rosa contagiou os filhos, Daniel e Andrea. Além deles, mais três artesãos: Marisa, Luís e João trabalham na oficina desde crianças. Conhecem o ofício desde os tempos de escola porque era ali que passavam as tardes depois das aulas, “a aprender a arte” como orgulhosamente contam sem tirar os olhos das peças que vão construindo.

João conhece a panela de fundição como ninguém. Está talhada pelas marcas do tempo e do uso, que fazem dela uma relíquia e uma joia com contornos emocionais. Uma vez fundido o metal, João volta a concentrar-se nos relicários. Luís engrandece a sua arte na cruz de Cristo e Marisa atarefa-se na morfologia complexa da cruz de Canevão. Da panela ao maçarico, à rilheira, ao alicate, à tesoura ou à pinça, cada joia que sai daquelas mãos tem uma história para contar. Ou várias, invariavelmente abençoadas por Santo Elói, padroeiro dos ourives e joalheiros, que ali ocupa um lugar de destaque.

Lá fora, repicam os sinos da igreja a chamar Rosa para a missa. Leva consigo o terço com cruz em Filigrana que era da mãe, e nele vai passando as contas de Viana ao ritmo da oração. E do coração.

Textos de Sónia Felgueiras

Encante-se com a história
da Rosa em vídeo

